

PAISAGEM, GEOGRAFIA E ARTE: REFLEXÕES TEÓRICAS EM BUSCA DE METODOLOGIAS INOVADORAS.

José Marcelo Soares de Oliveira

Mestrando em Geografia

<https://orcid.org/0000-0002-5463-678X>

José Falcão Sobrinho

<https://orcid.org/0000-0002-7399-6502>

Professor Associado do Curso de Mestrado Acadêmico em Geografia
Universidade Estadual Vale do Acaraú/UVA

87

RESUMO:

Este artigo visa discutir acerca da importância da paisagem, geografia e arte, buscando a representação dessa paisagem como maneira de expor a dinamicidade tanto natural quanto cultural das sociedades. É válido enfatizar a questão de aplicabilidade de tais alternativas na prática do ensino, pode ocasionar um envolvimento dos participantes, sob a influência de uma perspectiva lúdica, visando uma estratégia mais leve, como também, despertar a ciência na busca de metodologias inovadoras.

Palavras-chave: arte, percepção, paisagem, ciência geográfica.

LANDSCAPE, GEOGRAPHY AND ART: THEORETICAL REFLECTIONS IN SEARCH OF INNOVATIVE METHODOLOGIES

SUMMARY

This article aims to discuss the importance of landscape, geography and art, seeking the representation of this landscape as a way of exposing both the natural and cultural dynamics of societies. It is worth emphasizing the issue of applicability of such alternatives in teaching practice, it can lead to the involvement of the participants, under the influence of a playful perspective, aiming at a lighter strategy, as well as awakening science in the search for innovative methodologies.

Keywords: art, perception, landscape, geographic science.

INTRODUÇÃO

É oportuno reafirmar a constatação da necessidade de investigações mais complexas referentes ao ensino que abrange a dinâmica da paisagem. Verificamos no ensino básico a divulgação da noção de paisagem muito limitada, acompanhada do estereótipo estritamente estético, bem como o pouco raciocínio em torno das interações entre as paisagens semiáridas.

Desse modo, no momento em que, conforme Quintella Baptista e Campos (2013) demonstram, a modalidade o tratamento da educação, mesmo a dita tradicional, ainda se encontra pouco disseminada no Semiárido, onde o conhecimento acerca da nossa realidade figura com estereótipo de mitos, folclores, mitos e superstições. A região estudada exala aspectos culturais e comportamentais bem característicos, um dos exemplos encontramos na literatura de cordel, a qual poderia ser mais bem utilizada pelo sistema educacional governamental.

Acrescenta-se, sob a influência dos documentos oficiais do governo referentes à educação, tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN que, os conceitos geográficos devem ser trabalhados com base em experiências cotidianas. No momento

em que analisamos a proposta curricular do referido documento, percebe-se a sugestão da paisagem elencada sua importância enquanto subsidiária para a compreensão da organização espacial.

Diante disso, visamos refletir sobre a convergência entre Geografia e Arte e Paisagem,, em razão de proporcionar os conhecimentos sobre paisagem e natureza semiárida, e por consequência servir de embasamento para a convivência com o Semiárido de maneira lúdica ao Ensino.

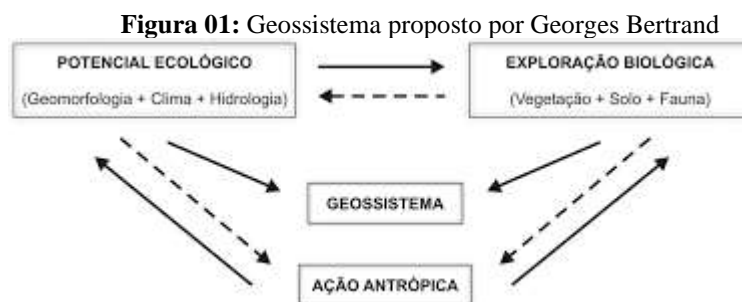
Paisagem: de categoria à conceito e de conceito à categoria

Optamos por iniciar intitulado, dessa maneira, a discussão que envolve o conceito de paisagem ao longo do seu percurso na ciência geográfica, face o estabelecimento de um rótulo “descritivo” o qual se designa desde o período que compreende a Geografia Clássica, até os dias atuais, e, por vezes, a Geografia se utiliza de outras categorias para explicar os fenômenos em detrimento da Paisagem, sendo que esta última pode muito bem ser estudada sob o viés fenomenológico, tanto quanto o Lugar, por exemplo.

O conceito de paisagem, de início, experimentou o veio transdisciplinar e total, mas, devido às influências positivistas, teve que se adequar ao ponto de vista científico fragmentado. Assim, incorpora-se os termos: paisagem cultural, paisagem natural, paisagem floresta (VITTE, 2007, p. 75).

Conforme Falcão Sobrinho (2006; 2007), a reflexão de que a paisagem organiza, num dado momento, relações de interdependência e integração entre os elementos naturais, explicando ocasionalmente a harmonia de tais elementos. O autor supracitado elege paisagem enquanto categoria de análise, tendo o relevo como elemento de investigação, demonstrando que, apesar da aparente “homogeneidade” relatando o Semiárido, especificamente, tendo como estudo de caso o Vale do Acaraú, existem aspectos geomorfológicos diferenciados que influenciam diretamente nas dinâmicas das paisagens.

Assim sendo, podemos também evidenciar o trabalho de Bertrand (1972) da escola geográfica francesa, engendrando o método geossistêmico o qual constitui uma categoria espacial cuja estrutura e dinâmica resulta da interação entre o potencial ecológico, a exploração biológica e a ação antrópica (figura 01).



Fonte: Bertrand (1972)

Sobre sua aplicabilidade, podemos elencar o estudo de Ribeiro (*op. cit*), no qual verifica-se a aplicação do método geossistêmico numa área delimitada, aliás, um dos poucos trabalhos de teor prático e metodológico, no que se refere ao geossistema ter a capacidade de contemplar aspectos físicos e socioeconômicos. No entanto, como nos aponta Falcão Sobrinho (2007) os estudos de Ribeiro (*op. cit*) não propiciaram uma

reflexão plausível acerca da cultura dos indivíduos para com as paisagens.

Para além da “moldura”

Analisando, desse modo, Besse (2006) disserta que a paisagem está para além dos limites estabelecidos pela ciência, em geral, estabelecendo como proposta de encaminhamento à Geografia, a descrição da terra em seu alcance universal.

A reflexão sobre o modo de “ver” a paisagem adentra à discussão em torno de desmistificar a visão dualista que se tem em torno do assunto, logo a paisagem, de modo geral é conceituada como “espaço geográfico”, delimitado cartograficamente, ou de espaço “vivido”. E com base em Erwin Straus, Besse (2006) ainda destaca a paisagem como o ponto de encontro de todos os sentimentos humanos. Havendo o desprendimento imediato de qualquer complexidade teórica envolvendo o que estamos “sentindo”, com os indivíduos sob a égide de uma experiência “selvagem”. Portanto, Besse (2006) relata que:

A paisagem significa participação mais que distanciamento, proximidade mais que elevação, opacidade mais que vista panorâmica. A paisagem, por ser ausência de totalização, é antes de mais nada a experiência da proximidade das coisas. (BESSE, 2006, p. 80)

O discurso de centralidade o qual envolve a paisagem põe-se como “fraco”, na mesma medida em que a compreensão de que a paisagem não deve conter limites, promove, assim, o comportamento “indisciplinado” dentro da paisagem. Há, então, o entendimento de que a paisagem desde os primórdios da relação do homem com a natureza, possibilita uma transitoriedade, ou melhor dizendo: “Para além da moldura”.

Paisagem e arte

Sobre este assunto, podemos retomar o raciocínio de Besse (2006) no momento em que o autor esclarece que, a representação da paisagem para o pintor e para o cartógrafo, apesar da atuação em campos diferentes, encontram similitudes no que pese à exigência de “um olhar apurado” correspondente ao trabalho de análise da paisagem. Verificado durante os séculos XVI, na Alemanha, e XVII, na Itália, mediante estudo das obras de Da Vinci, Pourbus, Cock, dentre outros.

Por esse ângulo, Besse (2006) nos oferece suporte teórico, no momento em que, atrela o dom “artístico” como também pertencente a qualquer um que seja sensível ao natural e compreenda a interação na paisagem. Em sua explicação mais detalhada, promove, também, a reflexão de que o apreço pela paisagem é interdisciplinar, utilizando, deste modo, a concepção de que, podemos, mediante a análise das dinâmicas naturais, mais do que “ver”, também se pode: “ler” as paisagens.

Posto, desse modo, o escultor, o cartógrafo e o pintor, por exemplo, devem estar atentos ao jeito que, consideram a paisagem “pela diversidade e complexidade de suas configurações”, precisam, antes de mais nada, da observação profunda daquilo que compõe a paisagem em seu âmago (BESSE, 2006). Portanto, a paisagem pode nos revelar, não tão somente, através do aspecto visível, mas também por meio das percepções corporais, de maneira geral, mediante o cheiro e o toque, por exemplo.

Arte e Geografia

Esta relação Arte e Geografia também pode ser observada mediante a evolução das artes como mecanismo de contestação dos sistemas vigentes, seja de cunho econômico, político, ou ideológico. Desse modo, como assinala Almeida (2016) o imaginário passa a ser protagonista, instigando a abertura da consciência humana às representações das novas exigências das representações da realidade. A partir também da consideração da diversidade de fatores os quais são tidos como novos anseios sociais, industrialização, poluição, dentre outros (ALMEIDA, 2016).

Soma-se a isso, também a organização da ciência geográfica em trazer à tona os problemas que envolvem a percepção, atreladas ao entendimento das cartas mentais, sob a ideia de desvendamento das variadas formas de representações humanas. Além do mais, como exemplifica Soares *et al* (2013) “*Guernica*” de Pablo Picasso, fora concebida mediante reflexão do autor, proporcionada pelas consequências nefastas da guerra civil espanhola.

Em vista disso e, trazendo o enfoque para o aspecto pedagógico e educacional, temos em debate que, as normas as quais delineiam o ensino aprendizagem vigente, ainda apregoam a verdade máxima, uma padronização, sob prejuízo à arte. Entretanto, como assinala Soares *et al* (2013) face o estabelecimento desse menosprezo às artes, a educação excede a própria vida, nesse caso, “a educação deve ir além do conhecimento em si”.

Além disso, o autor ainda destaca a criação artística como sendo o resultado da construção complexa de sentimentos coletivos, delimitados por um tempo relativamente longo, obtido em razão da externalização “de tudo aquilo que foi internalizado, nas vias das impressões empíricas.”

Torna-se imprescindível que os professores-pesquisadores abandonem suas verdades estabelecidas em busca de se correr o risco criativo. Transformando a arte em valor potencial para abertura de outras perspectivas, determinando a base criativa artística a favor da ousadia que ela propicia (GALLO, 2002, *apud* FERRAZ, 2013).

O início precursor das ideias de Goethe

Encontramos em Goethe, suporte teórico necessário no que tange ao mesmo verificar através de suas observações empíricas da natureza com o intuito proporcionar reflexões acerca da possibilidade de entendimento da natureza dinâmica, da historicidade de cada parte do globo terrestre. Desse modo, Diogo Filho (2016) pontua que, Goethe, um grande viajante, “trata da luz, das cores, das plantas, das festas, do povo, das rochas, dos rios, das cidades, da história, do relevo, da língua, do uso da terra, do clima e dos hábitos. Produzindo um quadro, uma pintura particular de um percurso e de uma época.”

O autor assinala que o pensamento de Goethe, através de mais de duzentos anos, exerceu bastante influência para o embasamento teórico de vários autores, sejam eles, filósofos, artistas, ou cientistas, entre eles: Ludwig Wittgenstein, Rudolf Steiner, Walter Benjamin, Martim Buber, Alexander von Humboldt, George Lukács e Friedrich Schiller, por exemplo.

Em virtude de seu ecletismo, conforme Diogo Filho (2016) Goethe “pode ser referenciado tanto em livros de História da Filosofia quanto em livros de História da Ciência, uma vez que não há consenso sobre o que ele fazia, já que seus escritos permeiam ambos os campos.” Pode-se verificar em Goethe, conforme (DIOGO FILHO, 2016) “assume uma postura bem diferente da maioria de seus contemporâneos, pois

desenvolve uma nova forma de fazer ciência amplamente relacionada à sua atividade artística.

Costa Falcão e Falcão Sobrinho (2016), alertam que Goethe, propagou a ideia da “Doutrina das cores”, onde cada cor estaria relacionada a reprodução de sentimentos específicos no ser humano, por exemplo, azul, escuridão, logo deriva da cor negra, mas também é capaz de transmitir sentimento de frieza e vazio, assim, Goethe, enfatiza a importante relação entre o olhar e a luz. Argumentam que Rudolf Steiner alerta que para Goethe, que observou grandes obras de arte na Itália, a arte, como forma de percepção da natureza, também expressa as leis naturais ocultas, viagem esta que fomentou subsídios no sentido de ideias as quais o levaram a elaboração de uma teoria das cores, como sustentáculo interpretativo para outras ciências.

Goethe se preocupava tanto com o estético como científico para a compreensão de natureza, assistida pelo caráter qualitativo em detrimento da quantificação exacerbada que ocorreu nos métodos materialistas científicos da sua época. Tal raciocínio, nos indica a necessidade de refletirmos sobre a obra de Goethe, logo os trabalhos do mesmo, através do tempo, foram relegados em razão do não entendimento, em sua época, da importância da possível ligação entre os conhecimentos científicos e artísticos.

Dentro dessa perspectiva, Costa Falcão e Falcão Sobrinho (2016) ao pesquisarem acerca da obra de Goethe, de modo conjunto com Humboldt, nos expõem o estabelecimento de méritos no tocante aos autores, sendo o primeiro menos mencionado quando nos referimos atualmente em saber científico. Por conta disso, apresenta-se a preponderância dos trabalhos de Goethe, para o caráter científico tendo como base metodológica educacional a atividade de campo, como forma de entendimento sobre a natureza.

Nas obras de Goethe, ciência, poesia e literatura são considerados conhecimentos intrínsecos. E mesmo sendo acusado, por grande parte da comunidade científica de sua época, de tomar em suas pesquisas um viés estritamente literário, Goethe, no entanto, de acordo com Costa Falcão e Falcão Sobrinho (2016), durante a sua trajetória se dedicou muito mais às investigações da natureza em detrimento a criação literária.

Além disso, no que tange a Percepção temporal do fenômeno, destaca-se o relacionamento conjunto entre as partes numa perspectiva espacial com o acréscimo do tempo. Observando a transformação do fenômeno em evolução, por meio da empiria minuciosa. A Contemplação corrobora no sentido próprio à sujeição do fenômeno penetrando na alma do observador. Concluindo a análise destes passos metodológicos de Goethe, propõe o estudo do fenômeno por Intuição, responsável pela simbiose entre fenômeno e indivíduo, relação crucial integrando dois mundo, duas naturezas, externamente e internamente.

A Natureza/Sociedade pincelando e produzindo paisagens

Partiremos do pressuposto teórico baseado em Sauer (1998) em razão da relevância da discussão que o autor apresenta a paisagem vista sob a égide da interação com outras paisagens, posto que a paisagem “vista”, ao primeiro momento, faz parte de um conjunto de cenas, e a visualiza de maneira genérica, logo de acordo com Sauer (1998, p 24) “o geógrafo pode descrever a paisagem individual como um tipo ou provavelmente uma variante de um tipo, mas ele tem sempre em mente o genérico e procede por comparação”.

Considerando, de início, a existência de uma *paisagem natural*, servindo de base para a promoção da *paisagem cultural*, tem-se circunscrito que, para Sauer (1998) tal associação, não deve ser analisada sob o viés da ideia de que para a existência de uma, é necessário a anulação da outra.

Sauer (1998) reforça o aspecto de interdependência, das paisagens ditas “naturais” e “culturais”, havendo necessidade de se exemplificar acerca da primeira paisagem (paisagem natural) denominar-se por “sítio”, área com predominância de vegetação e demais recursos naturais em abundância, e, portanto, uma paisagem que se encontra sujeita ao ser humano que “pode desenvolvê-la, ignorá-la, em parte e/ou explorá-la” (SAUER, 1998, p. 30).

Desta maneira, se consegue compreender o soerguimento de uma paisagem cultural atrelada à sua metade natural em harmonia. No entanto, Sauer (1998) atenta sobre estes “traços” culturais serem analisados dentro de uma perspectiva a qual o geógrafo observe, os seres humanos também pertencentes ao natural, afirmando que “não existe lugar para um dualismo da paisagem”(SAUER, 1998, p. 30).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destaca-se a preponderância dos estudos sobre o viés educacional envolvendo Paisagem, Geografia e Arte, a partir da premissa de que, os mesmos expressam, de maneira contundente, os aspectos emblemáticos da relação natureza/sociedade. Reforçando ainda, a importância de uma Educação Contextualizada ao ambiente Semiárido. Criticando, deste modo, acerca do processo o qual foi submetida a educação no semiárido dentro de uma perspectiva curricular estritamente baseada na construção de estereótipos da região estudada, tendo como agente influenciador as narrativas advindas da região sudeste do Brasil.

Propõe-se a emergência de uma educação para a convivência com o semiárido dentro de uma concepção a qual busque a revisão de todos os processos de ensino, desde a produção de materiais didáticos, reformulações curriculares, indo até a renovação de metodologias. Temos então, que pensar sobre o discurso dos documentos educacionais oficiais disseminam que, apesar da padronização presente nos mesmos, há, por vezes, a recomendação de “adaptar” os conteúdos às peculiaridades locais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, K. M. S. **Arte e Geografia: A análise da paisagem litorânea em Raimundo Cella**. Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciências e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Fortaleza, 2016.

BERTRAND, G. **Paisagem e geografia física global: esboço metodológico**. Tradução Olga Cruz – Caderno de Ciências da Terra. Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, no13, 1972.

BESSE, J. **Ver a terra, seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

COSTA FALCÃO, C. L.; FALCÃO SOBRINHO, J. **A obra de Goethe e o viajante**

naturalista Humboldt: À prática científica do trabalho de campo. Ciência e Natura, v. 38, p. 1238, 2016.

DIOGO FILHO, G. J. Goethe: Um naturalista entre a Ciência e a Arte. In: SUZUKI, J. C.; LIMA, A. P.; CHAVEIRO, E. F. (Orgs) **Geografia, literatura e arte : epistemologia, crítica e interlocuções** [livro eletrônico] /. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016. 466p.

FALCÃO SOBRINHO, J. **O relevo, elemento e âncora, na dinâmica da paisagem do vale, verde e cinza, do Acaraú, no Estado do Ceará.** Dissertação de Mestrado, FFCH/USP. São Paulo, 2006.

FALCÃO SOBRINHO, J. **Relevo e Paisagem: Proposta Metodológica.** Sobral Gráfica, 2007, p. 108.

FERRAZ, C. B. O. Tensionando as Intenções: Para algo além do exposto. Em: SUZUKI, J. C.; SILVA, P. C. P.; FERRAZ, C. B. O. (org). **Educação, arte e geografias linguagens em (in)tens(ç)ões** [livro eletrônico]. Porto Alegre, Imprensa Livre, 2016. 184p.

QUINTELLA BAPTISTA, N. e CAMPOS, C. H. Educação contextualizada para a convivência com o Semiárido. In: CONTI, I. L. e SCHROEDER, E. O. **Convivência com o Semiárido Brasileiro: autonomia e protagonismo social.** Brasília: IABS. 2013, p. 83-96.

RIBEIRO, A. G. **Paisagem e Organização Espacial na Região de Palmas e Guarapuava.** Tese de Doutorado/ USP, 1989.

SAUER, C. O. A Morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 12-74.

SOARES, A. R.; CARDOSO, M. A.; RIBEIRO, E. A Geografia da criatividade faz da Univerdade um espaço de resistência. In: _____. **Educação, arte e geografias linguagens em (in)tens(ç)ões** [livro eletrônico]. Porto Alegre, Imprensa Livre, 2013. 184p.

VITTE, A. C. **O desenvolvimento do conceito de paisagem e a sua inserção na geografia física** (*the development of landscape concept and its interaction with physical geography*). Fortaleza: Mercator (UFC), v. 6, , 2007. p. 71-78.